



## AUTORA

**Isabel Roboredo Seara**   
 isabel.seara@uab.pt

Doutora em Linguística Portuguesa.  
Professora do Departamento de Humanidades  
da Universidade Aberta, Lisboa; Investigadora  
no Centro de Linguística da Universidade  
Nova de Lisboa, Portugal

## COMO CITAR

Seara, I. R. (2021). Ligações vertiginosas: violência verbal em 'comentários' nas redes sociais. *Calidoscópico*, 19(3): 385-397. 10.4013/cld.2021.193.07

## FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão: 31/05/2021  
Aprovação: 14/10/2021

## DISTRIBUÍDO SOB



# Ligações vertiginosas: violência verbal em 'comentários' nas redes sociais

*Vertiginous connections: verbal violence in 'comments' on social networks*

## RESUMO / ABSTRACT

Partindo do pressuposto de que o 'comentário' é, na sua essência, uma tomada de posição sobre algo anteriormente dito ou escrito, propomos, neste estudo, observar, numa perspectiva enunciativo-pragmática, as estratégias linguísticodiscursivas que dominam estes espaços considerados espaços de agressividade e violência verbal. Com base numa notícia de um jornal online português sobre uma polémica desencadeada pelo líder do partido populista CHEGA, pretendemos refletir sobre as formas que estão ao serviço da construção das imagens dos enunciadores, convocando as teorias da face e a noção de ethos discursivo. O nosso objetivo é compreender

**Palavras-chave:**  
comentário digital;  
redes sociais;  
agressividade e  
violência verbal

como se constrói no comentário o discurso de exacerbação e de intolerância e quais os atos ameaçadores da face (FTAs) que predominam. Os comentários serão analisados com base nos estudos da agressividade e violência verbais (Culpeper, 2011; Bousfiled & Locher 2008), em diálogo com estudos pragmáticos (Goffman, 1967; Brown & Levinson, 1987) e com estudos sobre discurso polémico (Kerbrat-Orecchioni 2008). Destacar-se-ão os FTAs, nomeadamente os atos de acusação e de difamação e os insultos, ensaiando comprovar que neste palco mediatizado das redes sociais se assiste a uma banalização crescente da violência verbal.

Starting from the assumption that the 'comment' is, in essence, a statement of position about something previously said or written, we propose in this study to observe, in an enunciative-pragmatic perspective, the linguistic-discursive strategies that dominate these spaces considered as spaces of aggressiveness and verbal violence. Based on a new in a Portuguese online newspaper about a polemic triggered by the leader of the populist party CHEGA, we intend to reflect on the forms that are at the service of the construction of the enunciators' images, calling upon the theories of face and the notion of discursive ethos. We aim to understand

**Keywords:**  
digital commentary;  
social networks;  
impoliteness and  
verbal violence

how the discourse of exacerbation and intolerance is constructed in the commentary and which facethreatening acts (FTAs) predominate. The comments will be analysed based on studies of verbal impoliteness and verbal violence (Culpeper, 2011; Bousfiled & Locher 2008), in dialogue with pragmatic studies (Goffman, 1967; Brown & Levinson, 1987) and with studies of polemical discourse (Kerbrat-Orecchioni 2008). The FTAs will be highlighted, namely acts of accusation and defamation and insults, trying to prove that in this mediatized space of social networks we are witnessing a growing banalization of verbal violence.

## 1. Introdução

O ritmo das mudanças decorrentes das inovações tecnológicas, a célere transição dos meios de comunicação eletrônicos, a revolução digital, configuram um fenómeno de tão elevada repercussão e amplitude, que importa proceder a questionamentos ontológicos e epistemológicos sobre a adequação e a eficácia dos diferentes meios e repensar e redefinir o papel e o estatuto que podem assumir no nosso quotidiano social.

As tecnologias da informação e da comunicação, e a Internet em particular, provocaram uma verdadeira revolução nas nossas formas de ser, pensar e agir. Após a descoberta de dispositivos tais como o *e-mail*, bibliotecas em linha, downloads de música e filmes, fóruns e blogues, surgiram as redes sociais digitais e com elas uma nova onda de espanto perante a extensão das mudanças que despoletaram e as novas possibilidades de comunicação que oferecem e, sem dúvida, os novos riscos e oportunidades envolvidos.

Através das redes sociais, os sujeitos têm ao dispor novos meios para se expressar, para testemunhar, para protestar, para debater num espaço e interativo, questionando a hierarquia, na medida em que anteriormente os meios de comunicação explicitavam o que deviam saber e conhecer e, na atualidade, as redes sociais inspiram os *media* sobre os temas mais relevantes a desenvolver. Por outro lado, a instantaneidade ou a ilusão da sincronia das interações em ambiente digital conduz a uma aceleração das relações entre indivíduos e, concomitantemente, conduz a uma contração do tempo. (*vide* Proulx, 2004 e Senett, 1982). Lugares de visibilidade ou "palcos de aparência" para Arendt<sup>[1]</sup> (1978), estes espaços desenvolvem modos particulares de sociabilidade (ligados à sua natureza pública) que devem ser questionados: espaços de socialização, inserção e integração, ou, pelo contrário, espaços de conflito, nos quais se joga uma encenação do público, reformulando perpetuamente as suas fronteiras com a esfera privada". (Devillard, 1996).

No mesmo sentido, Lévy (2002) sustenta que: « l'opinion publique se forgera de plus en plus dans des listes de discussions, forum, chat rooms, réseaux de sites webs interconnectés (...) L'expansion de l'Internet est portée par une vague de fond dont on n'a pas fini de mesurer l'ampleur et la force : la libération de la parole (...) Le nouveau médium est donc particulièrement favorable à un dépassement de l'espace publique classique » (Levy, 2002, p. 58).

Configuração um novo espaço de debate, e com que legitimidade, com que poder?<sup>[2]</sup>

Numa sociedade em que se assiste a uma crescente exposição pública do indivíduo, há uma tendência para uma visibi-

lidade compulsiva. A fronteira entre público e privado é cada vez mais ténue e as redes sociais, como refere Recuero (2009, p. 103), diferenciam-se das outras formas de CMC pelo modo como permitem a visibilidade e a articulação da expressão de ideias de todos, anteriormente inacessível.

O crescente número de participantes nas redes sociais impele a equacionar as formas como se constrói discursivamente a lógica de funcionamento das interações verbais num espaço público, com enorme repercussão na contemporaneidade. O espaço virtual configura um *locus* livre.

A expressão das emoções como a indignação, a agressividade e a violência verbais são as marcas do discurso polémico. Catherine Kerbrat-Orecchioni refere que "c'est un discours dicté par les affects et les pulsions émotionnelles" (2008, p. 20) Estaremos, progressivamente, face a uma modalidade argumentativa de ataque à face do outro, a um confronto exacerbado?

Colocamos algumas hipóteses de partida para este estudo:

Os comentários no facebook apresentam características específicas de contextos interacionais e interlocutivos?

O ambiente virtual, ao proteger a face, escondida atrás do ecrã, amplia os aspetos conflituosos e potencia a agressividade e a violência verbais?

Como se constrói no comentário este discurso de exarcebação e de intolerância?

Quais os atos ameaçadores da face que predominam?

## 2. Facebook: um palco mediatizado de encenação

A rede Facebook, arquétipo da rede social em linha, converteu-se num fenómeno de proporções sem precedentes na última década. Esta rede social, destinada a permitir que os utilizadores se mantenham em contacto e troquem informações, fotografias e notícias de todo o tipo, em suma, destinada à interação social, tornou-se vertiginosamente num facto social singular.

Partimos de uma tese inicial que defende que os meios tecnológicos e, nomeadamente digitais, aqueles que permitem aos indivíduos formas mais céleres de interação permite criar uma relação social poderosa baseada na eficiência, imediação e mobilidade. As redes sociais como o Facebook, Twitter e blogues são sobretudo utilizadas para partilhar interesses com outros e para expandir e manter relações no ciberespaço e estas formas distintas de comunicar estão na génese de novas formas de sociabilidade que os próprios sujeitos podem modificar (Licoppe, 2002; Licoppe e Smoreda,

[1] Hannah Arendt. O primeiro volume do seu livro *The life of the mind*, inaugura-se com um capítulo intitulado "Aparência". Na primeira página deste capítulo sustenta-se: "Neste mundo em que chegamos e aparecemos vindos de lugar nenhum e, do qual desaparecemos em lugar nenhum, ser e aparecer coincidem" (Arendt, H. [1978, p. 18 (tradução nossa)).

[2] Em 2007, Golder *et al.* examinaram uma base de dados anónima contendo 362 milhões de mensagens por 4 milhões de utilizadores (principalmente estudantes) do Facebook, a fim de compreender melhor o ritmo e a natureza das interações sociais.

2005). Com base nos estudos sociológicos, nomeadamente os desenvolvidos por Merklé para quem a sociabilidade é « le tissu des relations entre chaque individu constitue le fondement de la société » (Merklé, 2004, p.21), procede-se, neste âmbito, a uma distinção clássica entre “laços fortes” e “laços fracos” (Merklé, 2004 e Degenne, 1994).

Os novos meios de interação digital conferem uma dimensão sem precedentes às relações e interações interindividuais, tornando tecnicamente possível a qualquer pessoa, desde que conectada, estabelecer ligações remotas em tempo real com pessoas, conhecidas ou desconhecidas, contribuindo, desta forma, para o desenvolvimento de relações sociais mais individuais e mais diversificadas que favorecem os “laços fracos”, mas também para novas formas de mobilização e ação coletiva.

Degenne e Forsé mencionam que:

[I]’étude de la sociabilité constitue une sorte de degré zéro de l’analyse structurale. On s’en tient au réseau personnel décrit au travers de pratiques telles que les sorties, la vie associative, les conversations, etc. Cette dimension est néanmoins nécessaire à la compréhension des relations qui composent les structures. (Degenne e Forsé, 2004, p. 35).

Os laços fortes são aqueles que são forjados com os que nos são mais próximos e que se baseiam num elevado grau de confiança mútua, fundados no respeito por normas de comportamento tacitamente aceites, e que conduzem a relações afetivas mais ou menos intensas. Por sua vez, os laços fracos assumem-se com uma função distinta, na medida em que se estabelecem entre pessoas que são meros conhecidos, não exigindo, por isso, o mesmo nível de compromisso, particularmente a nível afetivo, permitindo igualmente congrega pessoas que estão cultural ou socialmente distantes. Neste sentido, a sociabilidade é o conjunto de laços fortes e fracos de um indivíduo. Importa, contudo assinalar que vários estudos atestam que as redes sociais contribuem apenas para a construção de capital social de ligações, ou seja, de laços fracos, subscrevendo a ideia de que estes laços fracos “représentent certainement une autre expression de la socialité en ligne comme forme elliptique de la communauté qui manifeste une temporalité courte, éphémère, et une vacuité à vouloir définir un objet en dehors de la relation » (Hugon, 2010, p. 16).

Ora, muitos autores têm salientado que a evolução das sociedades modernas tende para um maior isolamento, ou seja, para um declínio da sociabilidade.

Assiste-se, na contemporaneidade, a um entrelaçamento de várias práticas de sociabilidade, face-a-face e mediada por dispositivos tecnológicos que se complementam ou se substituem, numa lógica que decorre do que Beaudouin apelidou de “dessincronização do tempo e fragmentação do espaço” (ano), na medida em que se comprova uma maior mobilidade dos indivíduos, um aumento do trabalho no e através do computador, induzindo assim à crescente

e, por vezes, obsessiva compensação através do uso não só profissional mas lúdico dos meios digitais, observando-se, por isso, não um declínio da sociabilidade, mas uma mudança radical nas suas formas de expressão, tornando-se menos direta e mais mediada, como é subscrito por Wellman *et al* (2010) e Hampton *et al*. (2009)

### 3. Extimização nas redes sociais

As redes sociais são unanimemente consideradas palcos mediatizados de encenação.

A afirmação do ‘eu’ nas redes sociais está intimamente ligada ao ato de minimizar o impacto do lado mais desfavorável de si mesmo, e também de permitir criar uma imagem social e positiva para os outros (Goffman, 1959). Na relação com os outros, a maioria das pessoas exprime-se a favor de realçar os seus pontos fortes, excluindo a informação negativa sobre si própria. A auto-promoção da imagem, da face positiva, destina-se a produzir no interlocutor uma boa impressão. Esta “toiletage social” (Donath, 2007, p. 235) evidencia esta necessidade de atrair a atenção de outros, razão por que muitos dos *posts* afixados nas redes sociais dão conta de experiências felizes, de momentos únicos, de vivências inolvidáveis, numa construção de uma realidade que, sabemo-lo, é muitas vezes forjada ou postiça. Este é indubitavelmente um dos problemas da utilização das redes sociais, em que a exibição excessiva e a reduzida consciência do olhar dos outros estão intimamente relacionadas com o narcisismo e com o fenómeno da extimização de si.

A noção de “extimité” proposta no campo dos estudos psicanalíticos por Tisseron (2001; 2011) indicia, pela etimologia que lhe subjaz, algo exposto, uma exposição da intimidade que embora não seja exclusiva dos ambientes digitais se mostra produtiva sobretudo nos blogues e nas redes sociais em que se exhibe e revela, de forma desinibida, este desejo de exibição do ‘eu’.

A este propósito, retomamos a definição proposta por Tisseron:

Je propose d’appeler “extimité” le mouvement qui pousse chacun à mettre en avant une partie de sa vie intime, autant physique que psychique. Ce mouvement est longtemps passé inaperçu bien qu’il soit essentiel à l’être humain. Il consiste dans le désir de communiquer sur son monde intérieur. Mais ce mouvement serait incompréhensible s’il ne s’agissait que “d’exprimer”. Si les gens veulent extérioriser certains éléments de leur vie, c’est pour mieux se les approprier en les intériorisant sur un autre mode grâce aux échanges qu’ils suscitent avec leurs proches. » (Tisseron, 2001, p. 52)

Por sua vez, no verbete do *Dictionnaire de l’analyse du Discours numérique* consagrado ao conceito de “extimité” (“extimidade”), Paveau parte de noção de *web-intimité* para dar vários exemplos do que a pesquisadora

denomina tecnogêneros (vlogs, dispositivos webcam), para concluir que embora o blogue tenha sido o espaço discursivo, nativo da web, no qual a extimização do 'eu' era privilegiada, na atualidade, as redes sociais, nomeadamente o Facebook, assumem-se como lugares preferenciais, mesmo que se trate mais de um estereótipo do que de uma realidade (Paveau, 2017, p. 193)

## 4. Fundamentação teórica

Inscrevemos o nosso trabalho no campo dos estudos da Análise do Discurso e, ainda da Pragmática e, neste sentido, advogamos que a conceção da linguagem é radicalmente dialógica e socio-histórica.

A análise dos atos discursivos mobiliza a construção de uma fundamentação teórica que reúna conceitos relevantes dos estudos da linguagem na perspectiva da Pragmática, que analisa o uso concreto da linguagem, tendo em consideração a produção linguística associada à produção social, na medida em que concebe a linguagem como fenómeno social, comunicativo e discursivo.

Searle defende a teoria dos atos de fala ao afirmar que toda comunicação linguística (oral ou escrita) envolve atos de fala com determinadas intenções:

[...] all linguistic communication involves linguistic acts. [...] When I take a noise or a mark on a piece of paper to be an instance of linguistic communication, as a message, one of the things I must assume is that the noise or mark was produced by a being or beings more or less like myself and produced with certain kinds of intentions. (Searle, 1969, p. 16)

Serão convocados pressupostos da análise pragmática do discurso, para identificar os atos de discurso predominantes, a fim de relacionar estes atos com as estratégias, num primeiro momento identificadas.

### 4.1 Comentário

O foco da nossa pesquisa assenta no género 'comentário', cuja relevância é mostrada pela detalhada explicitação que é feita por Paveau (2017, *op. cit.*) no capítulo da obra (páginas 36-55), em que a autora considera que o comentário é uma das formas de tecnodiscurso mais frequentes na web:

Le commentaire en ligne, fleuron du web social à ses débuts. Principalement sur les blogs dont il constituait l'un des intérêts majeurs, subit donc actuellement une stériotypisation négative: en voie de disparition sur les blogs, mais omniprésent sur les sites d'information et les réseaux sociaux, il apparaît de plus en plus, comme un espace de violence verbale aux conséquences négatives sur la diffusion et la réception de l'information, ainsi que sur la qualité de la communication en ligne". (Paveau, 2017, p. 35).

Partindo do pressuposto que o comentário é, na sua essência, uma tomada de posição sobre algo anteriormente dito ou escrito, este afirma-se nas redes digitais como lugar de diálogo, de sugestão, de discussão, de exegese, de interpeção, de manifestação de pontos de vista e de argumentos, instaurando quer relações convergentes e divergentes com o texto-fonte ou com os comentários subsequentes, quer, ainda, como espaço de pagamento enunciativo.

O comentário, que surge como uma prática reflexiva sobre algo anteriormente enunciado, coloca algumas questões sobre a inseparabilidade do texto-fonte. Subscrevemos a ideia de Dupont (2013) que sublinha que "le commentaire ne devait pas être opposé au texte commenté comme un discours parasite qui le pervertirait" (Dupont, 2013, p. 54) e reforça a ideia das relações interativas, da dinâmica da multi-enunciação que está na génese do comentário. Esta ideia é corroborada por Paveau que defende a importância de considerar a ideia de espaço de relacionalidade:

Structurellement lié au discours premier qu'il predique, selon les modalités très diverses y compris non langagières, il est avant tout un lieu de relationalité" (2017, p. 55) e ainda por Cunha ao reiterar que "il s'agit d'une pratique discursive qui a son dessein discursif et ses règles propres: à partir d'un texte source chaque lecteur construit des discours nouveaux em réaccentuant différemment les aspects du champ thématique, ces sens multiples, explicites ou sous-entendus, les non-dits, etc". (Cunha, 2014, p. 3).

O comentário digital é, em suma, um texto opinativo, em que os locutores expressam os seus pontos de vista, existindo a possibilidade de interação *quasi* síncrona com os demais utilizadores.

No caso dos comentários exclusivamente dedicados à expressão da opinião política, assiste-se, com frequência, a uma dinamização forte e cerrada, com *posts* contínuos, veiculando-se a defesa dos valores e dos protagonistas que são subcritos e atacando, com veemência, as ideias dos contrários e, sobretudo, as pessoas que estão no poder.

O comentário *online* é objeto de múltiplas críticas, pois é considerado maioritariamente agressivo e insultuoso, configurando um espaço de violência verbal. Muitas vezes, os autores dos comentários, anónimos ou escondidos por detrás de pseudónimos, refletem um "apagamento enunciativo" (Temmar, 2013)

Propomo-nos observar as estratégias linguístico-discursivas que configuram atos valorizadores ou atos críticos e como estes se realizam na superfície discursiva dos comentários selecionados e que serão analisados no ponto 5.

### 4.2 Da exaltação à violência verbal: análise das estratégias discursivas

Qualquer ato de linguagem implica a construção de uma imagem de si no discurso e essa imagem depende

diretamente da influência que o locutor deseja exercer no seu interlocutor no momento da enunciação.

A imagem dos enunciadores nas mensagens do FB faz transparecer um *ethos* que adota estratégias de valorização da sua própria face (na terminologia de Brown & Levinson, 1978; 1987), que o credibilizem e que o façam ser apreciado (e inclusivamente invejado) pelos demais.

As redes sociais são como espaços virtuais ou praças virtuais (no sentido do fórum romano) onde as relações são desenvolvidas, compartilhadas e modificadas numa infinidade de conexões.

E se este ambiente virtual fomenta mecanismos favoráveis à projeção de informações e de conhecimento, ao reencontro de amizades, à integração de grupos com interesse, é igualmente um terreno fértil para a ampliação de aspetos conflituosos.

Kerbrat-Orecchioni (1980) coloca como traço definidor essencial o descrédito lançado sobre o outro: a polémica que visa o discurso do outro é, antes de mais nada, uma palavra de desqualificação.

Frequentemente o ataque não visa somente o discurso do adversário, mas também a sua pessoa. Recorre-se então aos argumentos *ad hominem* e *ad personam*.

A polémica caracteriza-se pela dicotomização, pela polarização, e pelo descrédito à tese ou à pessoa do outro, sendo, portanto, uma modalidade argumentativa.

Os atos ameaçadores da face (FTA – Face Threatening Act) são classificados em quatro categorias: atos ameaçadores para a face negativa de quem os realiza (promessa, compromissos, ofertas, etc) e de quem os sofre (agressões visuais, olfativas ou sonoras; ofensas, interdições, conselhos, perguntas indiscretas, etc); atos ameaçadores para a face positiva de quem os realiza (confissões, autocrítica, desculpas, etc.) e de quem os sofre (censura, crítica, refutação, escárnio, insultos, etc.) (cf. Kerbrat-Orecchioni, 1996: 51). Por sua vez, Locher e Bousfield (2008, p. 132) definem a agressividade verbal como um FTA intencional, gratuito e conflituoso que foi produzido de forma propositada. Por sua vez, Culpeper (2008, p. 36) sublinha a intenção de causar um dano da face. Terkourafi (2008, p. 70) subscreve que a descortesia e a agressividade verbais ocorrem quando a expressão utilizada não é convencional relativamente ao contexto em que ocorre; ela agride a face do destinatário, mas nenhuma intenção de agressão à face é atribuída ao falante pelo interlocutor. Subscrevemos a posição de Bousfield e Locher (2008, p. 73) que considera que para existir agressividade verbal, a intenção do locutor de ofender ou de causar danos à face tem de ser compreendida pelo interlocutor. Este argumento é similarmente sustentado por Culpeper (2011) que inscreve como uma das condições para existir ofensa verbal o reconhecimento do

efeito perlocutório de ofensa no interlocutor.

Para analisar as estratégias, numa perspectiva pragmático-discursiva, teremos em consideração três tipos: i) as que visam exercer uma força para contradizer alguém ou algum grupo, expressa através de atos de ameaça, de ordenação, de intimidação, de crítica e de avaliação negativa; ii) as que exprimem o desprezo a indiferença, a raiva e que concorrem para a perda da face pública, provocando um mal-estar, e que são veiculadas preferencialmente através de atos de injúria, de acusação e de insulto; iii) as que colocam em causa a honestidade, a sinceridade, a boa fé, que visam causar dano pessoal e social e que têm um objetivo de exclusão, patentes nos ataques *ad hominem* e *ad personam*.

Se o argumento *ad hominem* coloca em causa o discurso do adversário (contradição no discurso, distância entre o discurso e as práticas), já o ataque pessoal *ad personam*, coloca em causa a sua pessoa, pela sua imoralidade, desonestidade, incompetência, ligações duvidosas (Gauthier, 1995).

No âmbito da perspectiva pragmático-discursiva, convocar-se-á ainda uma manifestação de agressividade verbal que é o insulto, pertencente ao quadro da análise da violência verbal (Auger, Fracchiolla, Moïse, & Schultz-Romain, 2008; 2010). O insulto, que se afigura como uma categoria de análise pertinente no âmbito da análise argumentativa do discurso, assume várias funções: de confrontação, de refutação e, sobretudo, a função de denegrir a imagem do outro, estando ao serviço da construção de um *ethos* de arrogância e

de agressividade por parte do seu emissor.

Retemos a definição de Moïse *et al.* (2008) para quem “l’insulte est un acte de langage interlocutif; elle porte une force émotionnelle, voir pulsionnelle, et vit l’autre dans la volonté de le rabaisser et de le nier. Elle tient un rôle éminemment perlocutoire. (Moïse *et al.*, 2008, p. 639). Nesse sentido um insulto é um tipo de *ataque ad personam*, retomando a definição de Colin Rodea (2003):

El insulto es una acción verbal y/o no verbal, sancionada como ofensiva; cuyas unidades léxicas pueden, o no, representar en sí mismas una carga insultante al evocar conceptos socialmente convenidos para ello. El insulto puede ser un acto de habla o ser tan solo una parte del acto mismo. Enmarcado en una situación comunicativa, el insulto es un recurso del locutor/interlocutor cuya fuerza ilocucionaria se expresa como agresión. El insulto presenta un doble valor comunicativo, el de la agresión y la defensa, esto es, rompe y restituye, en algunos casos, la comunicación. [...] El uso de palabras lingüísticamente marcadas en contextos que normalmente le son vedados llega a evidenciar las diferencias sociales al romper las convenciones (Colin Rodea, 2003, p. 154).

“As redes sociais são como espaços virtuais ou praças virtuais (no sentido do fórum romano) onde as relações são desenvolvidas, compartilhadas e modificadas numa infinidade de conexões”

O uso recorrente do insulto nos comentários nas redes sociais, como ensaiamos provar na análise, está imbuído não apenas da função de ridicularizar o adversário, através de enunciados irônicos e sarcásticos, mas também, cumpre a função retórica de *delectare*, na medida em que não visa apenas o interlocutor que se deseja ofender, mas, sobretudo, chamar a atenção dos restantes leitores do *post* e dos comentários, intensificando e ampliando, assim, a coconstrução da polémica e da agressividade verbal.

## 5. Contextualização: metodologia e recolha do corpus

Para uma cabal compreensão do estudo, importa proceder a uma breve nota introdutória do contexto político português, em particular, do enquadramento do Partido CHEGA e do seu líder. André Ventura, em 2019, fundou o partido político CHEGA, e a 12 de abril de 2019, associou-se à Coligação BASTA! para as Eleições Parlamentares Europeias de 2019. Não conseguindo eleger qualquer eurodeputado, a coligação foi dissolvida a 30 de julho de 2019. Posteriormente, concorreu às eleições legislativas 2019 pelo CHEGA, como cabeça-de-lista pelo círculo eleitoral de Lisboa, tendo sido eleito como o primeiro deputado do partido por si fundado. O líder do partido assume posições liberais economicamente, nacionalistas culturalmente e conservadoras em questões de costumes. Realcem-se algumas asserções constantes do Manifesto Político Fundador (<https://partidochega.pt/manifesto/>): o apelo aos descontentes com o sistema, a que se alude repetidamente neste manifesto: “O CHEGA está aqui para mobilizar os muitos descontentes. Já pouca gente espera dessa oligarquia organizada em torno dos chamados ‘partidos do sistema’ que leve a cabo as reformas imprescindíveis que os portugueses reconhecem como necessárias mas às quais a oligarquia não mete ombros porque essas reformas representariam, como é evidente, o fim do seu poder. Poder moribundo, mas ainda actuante” e, mais adiante: “É para dar voz ao descontentamento e meter ombros a essa mudança que aqui estamos.” A construção deste ideário populista do Manifesto assenta num léxico com carga negativa e agressiva, identificando o Estado português como “um monstro burocrático”, “um monstro predador”, “uma máquina de assalto ao cidadão”, qualificando a cobrança de impostos como “um roubo”, reiterado na expressão “No estado a que chegamos, a cobrança de impostos é um roubo. Roubo puro e simples”. A construção anafórica é recorrente neste Manifesto, destacando-se um parágrafo inteiro em que é enunciado o que o partido se impõe **recusar**, um verbo de negação, que explicita o que o partido declina, rejeita, não concede e não admite. (“Recusar frontalmente o marxismo cultural; recusar a ditadura da ideologia de género; recusar o aborto-a-pedido; recusar fronteiras escancaradas”). Esta afirmação peremptória da crença em valores ditos patrióticos culmina, nas linhas derradeiras do Manifesto, na oposição ‘Eles’/‘Nós’ (já assinalada

em van Dijk 2008), em que os outros detêm “mentalidades rotineiras, gastas e vazias”, com sistemas “caducos, ultrapassados e sem destino”, estruturas corruptos, podres e venais”, insistindo numa adjetivação maledicente, desvalorizadora, hostil que diaboliza os adversários, ao passo que o CHEGA assumindo o auto-elogio, assume-se como um partido “que veio para, de forma transparente, democrática, corajosa e eficaz, devolver os portugueses a Portugal”.

Nas áreas da justiça, segurança e imigração, o CHEGA está alinhado com as propostas comuns à autodenominada “direita iliberal” europeia. A introdução de legislação, no Código Penal, sobre a castração química como forma de punição de agressores sexuais, a qualquer culpado de crimes de natureza sexual cometidos sobre menores de 16 anos, é uma das ideias do CHEGA. Outra proposta do partido passa pela oposição frontal à tipificação do chamado «crime de ódio» na lei penal portuguesa. Ventura defende ser necessária uma reflexão sobre o regime de liberdade condicional ou sobre o agravamento da moldura penal para crimes particularmente graves, defendendo a obrigatoriedade de penas de prisão efetiva para quaisquer crimes de violação, sem possibilidade de pena suspensa, e introdução da pena de prisão perpétua para os crimes considerados mais graves, nomeadamente crimes de terrorismo ou homicídios com características específicas. Defende, ainda, a retirada de todos os privilégios nas prisões (salários, apoios sociais, bolsas de estudo etc.) para reclusos condenados por terrorismo e quaisquer imigrantes ilegais. As políticas do partido CHEGA incluem, em suma, o reforço de penas para crimes graves – incluindo castração química e prisão perpétua – e o reforço das garantias de atuação das polícias. O discurso anti-elites é feito contra os partidos atuais, com propostas de redução do número de deputados e a mensagem de que a corrupção é generalizada. A mensagem anti-imigração, que mais atenção tem atraído, visa comunidades específicas, como a dos ciganos. Pelo meio, ataca indiscriminadamente os representantes do “sistema”, Presidente da República, Governo e a própria Assembleia da República, de que faz parte, mas de onde se exclui.

## 6. Análise: ligações vertiginosas e violentas?

Selecionámos para este estudo uma das notícias que mais celeuma levantou na sociedade portuguesa e que diz respeito ao artigo 9A da projeto de lei nº 144/XVI/ 1ª que o líder do partido CHEGA fez chegar ao parlamento em que, relativamente à prevenção de criminalidade, designadamente de crimes contra a autodeterminação sexual, estipula que deve ser elaborado um plano para a definição e implementação de um projeto que materialize a aplicação de tratamentos químicos de inibição de desejo sexual a agressores sexuais, pedófilos e violadores, que tenham sido condenados a uma pena igual ou superior a dois anos de prisão efetiva. Introduce, portanto, a possibilidade da



Figura 1

Fonte: Notícia jornal online SOL. 6 de julho de 2020



Figura 2

Post na rede social Facebook

Fonte: Post na rede social Facebook, 23 de setembro de 2020

castração química de agressores sexuais (sobretudo contra menores) num prazo máximo de dois anos.<sup>[3]</sup>

Atente-se no título da notícia no dia 6 de julho de 2020 do jornal SOL, na sua versão *online*:

Naturalmente que esta proposta desencadeou uma forte reação da sociedade e analisar-se-ão aqui os comentários na página pessoal de Paula Lobo Antunes, uma figura pública portuguesa, mulher, atriz, que escreveu um comentário sobre o projeto do Chega. Escreveu um único comentário que despoletou uma onda de agressividade e violência verbal:

Jogando com o nome do partido, que usa como forma verbal, a enunciadora recorre a uma pergunta retórica, figura de manipulação da enunciação, que supostamente atenua o ato de acusação e condenação que lhe está subjacente e que consiste inequivocamente em afirmar que o Chega

veicula ideias estúpidas, reportado-se, neste caso, à castração química que foi proposta e a que aludimos anteriormente. Através desta pergunta retórica, reforçada no final da asserção pelo advérbio de negação, a locutora manifesta a sua indignação com a situação, enfatiza a ideia de que estamos perante uma proposta sem sentido que deve ter um *terminus* (daí o uso da forma imperativa “chega”, sinónimo de “basta”), expressando, portanto, uma crítica à política social proposta pelo líder do partido populista, concorrendo, ainda, dada a sua formulação na forma interrogativa, para estimular o(s) interlocutor(es) a exprimirem a sua opinião.

Gerou naturalmente uma onda de comentários que estão ao serviço do que Paveau designou “guerra de mensagens incendiárias” (2017, p. 95), fundada em ataques pessoais que passaremos a analisar, com base nos pressupostos teóricos anteriormente recenseados.

A análise empírica é realizada a partir de uma seriação de comentários que foram selecionados da página referida. Por via questão de coerência e respeitando as regras de anonimato, procedemos a uma numerção simples em que a letra C remete para a ordem temporal de surgimento do comentário, seguida das iniciais do nome do seu produtor que são precedidos da letra R quando se trata da reação ao comentário anterior e não ao *post* inicial. Importa ainda precisar que a análise incide apenas nos mecanismos pragmático-discursivos, não obstante consideramos que uma análise integrada dos aspetos paraverbais e tecnodiscursivos (no sentido descrito em Paveau, 2017) possa ser ainda mais relevante.

#### C1-FC

Por todo o respeito que a Sra. me merece, como pessoa, mulher e atriz, a ser verdade o que o CM publicou a seu respeito, eu lhe daria um conselho. Informe-se antes de falar, filtre os contextos porque agora deu provas de seguir tendências de conspiração, o que não deixa a sua inteligência imaculada. Quem tem algo/muito a perder, não se deveria meter na política do “Diz que disse”. Lute para acabar com a injustiça, lute por um país sem corrupção e não pela sua auto-humilhação. Um abraço.

#### RC1-GS

Rebentou com os neurónios da fulana...

Nos dois primeiros comentários (um inciativo C1-FC e outro reativo ao comentário anterior RC1-GS), numa estrutura dialógica quase como par adjacente), podemos observar que o locutor convoca primeiramente estratégias

[3] É esta a formulação que consta do projeto-lei do Chega: “Perante esta circunstância não há como escamotear a latente dificuldade em se conseguir acautelar a necessária prevenção geral e especial, entendendo-se que a aplicação da castração química aos seus executantes será o caminho mais eficaz no controlo e prevenção do problema, até porque, desde logo numa óptica meramente fisiológica, a sua aplicação, como alguns preceituados autores consideram, vai consubstanciar uma clara diminuição da produção da testosterona, diminuindo assim o desejo sexual e por isso os impulsos com mesma natureza”, disponível em: <https://app.parlamento.pt/webutils/docs/doc.pdf?path=6148523063446f764c324679595842774f6a63334e7a637664326c756157357059326c6864476c3259584d7657456c574c33526c6548527663793977616d77784e44517457456c574c6d527659773d3d&fich=pjl144-XIV.doc&inline=true>. Importa, contudo, registar que este projeto-lei foi chumbado por maioria em plenário na Assembleia da República no dia 27 de fevereiro de 2020, dado que, alegadamente, fere a Constituição da República, no n.º 2 do artigo 25.º (“Direito à integridade pessoal”) em que se afirma que “Ninguém pode ser submetido a tortura, nem a tratamentos penais cruéis, degradantes ou desumanos.”

ao serviço da cortesia, presente nas formas “com todo o respeito” e na forma de tratamento deferente, referindo-se como ‘a senhora’, coloca-se, de imediato, numa posição de superioridade para produzir um ato diretivo, de conselho, no qual se enciavam vários atos de acusação, na medida em que condena a atriz por não se ter informado previamente e por seguir tendências de conspiração, aludindo a um conluio anterior. Em crescendo, desqualificar o discurso da locutora através de argumentos *ad personam*, e simultaneamente *ad ignorantiam*, visa colocar em causa a sua inteligência. O efeito de *boomerang*, descrito nos comentários nas redes sociais, acontece de imediato em dois comentários: na reação de RC1 GS que subscreve o *post* anterior através de uma confirmação mais dura e veemente, expressa através da forma verbal “rebentar” e, sobretudo, pelo uso da forma delocutiva “fulana” que é usada, neste caso, deliberadamente e de forma depreciativa para referir uma pessoa cujo nome não se conhece ou não se quer mencionar; e, por sua vez, no C3, em que RM retoma a imagem do ‘cérebro’, mas de uma forma mais agressiva e violenta, mostrando indignação, numa formulação que subentende a a avaliação negativa, aludindo à eliminação quer do cérebro, quer da própria pessoa, o que evidencia a radicalidade do comentário e espelha esse *ethos* de agressividade.

C3-RM

E que tal, retirares o teu cérebro e... Desapareceres 🤪🤪🤪🤪  
Fazias um favor à humanidade, e acima de tudo, a ti própria 🙌🙌  
🤪🤪🤪

A maioria dos comentários evidencia, através de diferentes estratégias discursivas, a violência verbal.

No entanto, analisamos, num primeiro momento, as mensagens de apoio que reiteram o conteúdo proposicional do *post* da atriz e que se solidarizam com a locutora: em C2-RM o uso de maiúsculas que, como está anotado nos estudos sobre escrita digital (Anis, 1998), avoluma o tom, correspondendo ao grito na oralidade, através de uma estratégia de corroboração, insiste na saturação das ideias propostas pelo partido populista e pelo seu líder que qualifica de “figura inenarrável”, num claro distanciamento das ideias por ele defendidas. Realce-se o uso posposto ao enunciado verbal de um *smiley* de irritação e indignação, veiculando uma emoção negativa e depreciativa, reforçando, assim o conteúdo proposicional anterior, sendo que, enquanto representação icónica do não verbal, encerra várias funções semântico-pragmáticas, nomeadamente como marcador discursivo, como demonstrámos em Seara, Simões e Sebastião (2020)

C2-RM

SEM DÚVIDA QUE CHEGA DO CHEGA. ESTOU FARTA DO  
CHEGA E MAIS, AINDA, DO LÍDER. FIGURA INENARRÁVEL 🤪

Embora os comentários elogiosos ao *post* da locutora sejam em número muitíssimo reduzido, comprovando-se, malgradadamente, que é mais fácil criticar e denegrir, assinalamos um comentário elogioso, C5-CF, que partilha das convicções expostas, defendendo e exaltando a coragem da locutora, em que há um encadeamento de atos valorizadores da face, expressos pelo ato de parabenização, pela elogio e identificação com a força feminina, implícita na expressão “mulher com M maiúsculo”, denegrindo simultaneamente, num curioso jogo de palavras, os restantes comentadores, todos do género masculino, através do uso do diminutivo (“tomatinhos” e “vidinha”) com o objetivo de macular a imagem machista dos demais enunciadores.

C5-CF

Parabéns

Para mim só uma Mulher com M é que tem “tomates” para dizer que chega de “tomatinhos”.

E para os ofendidos/as vão tomar conta da vossa vidinha. E se as vossas mães, esposas, filhas, irmãs, primas, tias e não esquecendo das “outras” por um acaso tiverem que recorrer a ivg, aí sim vocês chegam se a frente e pumba tiram tudo o que acham que deve de ser ser tirado.

A expressão metafórica da imagem da virilidade masculina é retomada, de imediato, no comentário subsequente (C4-CS), em que o locutor exprime a sua raiva através de um ao exclamativo de ameaça, em que o advérbio ‘certamente’ concorre para instaurar a polaridade, seguido de um ato diretivo, em que está bem patente o *ethos* de superioridade do enunciador.

C4-CS

Nunca te viste ao espelho certamente! O que precisavas mesmo era de uns bons tomates à CHEGA!

Outros comentários são construídos com base em FTAs, em atos ameaçadores da face, atacando a face da autora do *post* através de estratégias diversas: o uso da forma de tratamento “a sra paula” que é considerada agressiva em português europeu, o uso das minúsculas para grafar o seu nome, no intuito de rebaixar e denegrir a imagem da autora, como se comprova no C5-AA e insultando a autora da proposta, através da expressão “débil mental”; os atos de ameaça, que se traduzem em expressões de superioridade: “vou-lhe dar um recado” e “Não fale do que não sabe”, que espelham o *ethos* de superioridade e de arrogância; em simultâneo ao ataque, estamos em presença de atos que comprovam e defendem a filiação ao partido populista, e aos seus militantes, ratificando a dicotomização dos argumentos.

C5-AA

Sra paula lobo antunes venho por este meio dizer a sra Paula se foi verdade o que a sra disse que os homens do chega de se castrados vou lhe dizer que sou chega e que tenho um filho e uma e filha e mereço respeito a sra não

deve fazer comentários sem saber a verdade pois o chega não e a sim nem os seus melitantes eu estava lá e essa foi realmente proposta por um débil mental de um melitante mas chumbada por maioria dos votos pois estavam mulheres também lá por digo não fale do que não sabe e não vá pelas notícias que ouve . E vou lhe dar um recado pois sou seu fã não fale de política pois siga a sua vida artística eu sei que e LIVRE mas vai entrar numa guerra que neste momento se está a passar na política beijinhos

Os atos de defesa do partido populista e do seu ideário, em clara manifestação de confronto com o *post* da atriz, estão presentes em expressões laudatórias, como a do C6-AV, em que se evidenciam os valores patrióticos e conservadores defendidos pelo partido, reforçados pela imagem da bandeira portuguesa, seguindo-se, de imediato, a um ato de violência verbal, cuja expressão máxima se traduz no uso do vernáculo “cabrões” para qualificar os que governam e os que se opõem à ideias do partido. Este encadeamento discursivo que comprova a dinâmica de relacionalidade dos enunciados da web, defendida por Paveau (2017, p. 41), resgata e prolonga a dimensão agressiva, através do ato de precisão, expresso por uma coordenativa simples, em que se recupera a qualificação pejorativa “parasitas e outros”, RC6-AG, inequivocamente ao serviço da ampliação discursiva,

C6-AV

Viva o CHEGA , viva Portugal e toda a nossa cultura, farto de trabalhar para cabroes que não querem fazer nada

RC6-AG

E de parasitas e outros....

Salientamos, ainda, no RC-TB a construção de um discurso de exacerbação e de intolerância, em que, a partir da retoma do tópico discursivo já presente em C5-CF, o locutor, através de um ato de acusação, suportado por um argumento *ad personam*, patente na expressão “antes de vomitar comentários absurdos”, acentua a responsabilidade da locutora na construção da imagem negativa, reforçando a imagem de incompetência. De mencionar a expressão “mais não digo” que encerra o comentário e que confere mais força ao enunciado anterior, pressupondo que se não finalizasse a acusação, esta poderia descredibilizar ainda mais a atriz. Ao assinar “respeitosamente” e assinando “uma fã”, mobiliza, através da ironia, uma estratégia de descortesia dissumulada. (Seara, 2021)

RC 7-TB

Verdade, verdadinha, se tirarem os tomates aos homens todos então as mulheres já não precisavam de fazer abortos.

Era cá um “bacanal!” (...)

Então devido á sua posição na sociedade informe-se **antes de vomitar comentários absurdos que só a envergonham**

**e denigrem a sua imagem.**

*Mais não digo.*

*Respeitosamente*

*Um fã*

A amplificação da agressividade nos comentários encadeados é mobilizada em C8-JR, numa enunciação alocutiva, endereçada à própria locutora, simulando o diálogo face-a-face, por recorrentes argumentos *ad personam*. Através desta interpelação direta, visa-se agredir a sua imagem, através de um ataque insultuoso que consubstancia uma afronta e uma humilhação, ao colar a atriz a uma fase menos abonatória (a menopausa, o que é uma falsidade, dado que é jovem) e denegrindo totalmente a sua imagem como atriz, acusando-a de falta de talento. É criada, desta forma, uma imagem de descrédito através de um ato de acusação e, conseqüentemente, este comentário constrói o ethos de superioridade e de arrogância do comentarista.

C8-JR

A menopausa é chata, mas, é a vida. Explica lá devagar, como chegaste a actriz ?? Pelo teu talento não foi. Pela tua “beleza” idem aspas aspas.....

Corroborando a polémica instaurada no sucedâneo de comentários agressivos, assente na desqualificação e na descredibilização violenta, o C9-MC é construído com base numa tríplice acusação. Os três enunciados “demonstrou ignorância”; “cabeça oca”, “atriz de terceira” invalidam o *post* inicial, rebaixam a atriz, num ataque frontal, desacreditando totalmente a pessoa, numa infração às normas da cortesia e que ganha uma maior força quando se convoca o auditório na abertura do enunciado: “Não lhe deem bola!” A ameaça final reforça as desqualificações anteriores acentua o tom depreciativo do enunciado.

C9-MC

Não lhe dêem bola! Ela só demonstrou ignorância naquela cabeça oca!

Manias de atriz de terceira!

Arranjam tipos infiltrados para dizer m\*RDA. Depois dizem que é pessoal do Chega!

Sei bem que ketchup ela merecia!

O tom de provocação, expresso pela reiterada ofensa pessoal, agrava-se no comentário C10-JL, em que o enunciador, num enunciado delocutivo, refere-se à atriz como “sirigaita”, uma forma depreciativa e ofensiva. O discurso radicaliza-se na medida em que o ataque *ad personam* estende-se do domínio individual para convocar a família, já que a atriz em causa pertence a um família intelectualmente reconhecia em Portugal (de escritores e médicos), marcando deliberadamente essa ofensa, menorizando as suas capacidades intelectuais e artísticas. Ao prosseguir, mudando o foco para um enunciado alocutivo, em que se dirige à própria, acentua-se a violência verbal através

de uma estratégia nitidamente ofensiva, a ironia agressiva, recorrendo à expressão “talvez tentar açambarcar os “tomates” dos seus correligionários fofinhos”. Anote-se que o adjetivo “fofinhos” qualifica ironicamente o grupo privilegiado socialmente em que a atraz se insere, evidenciando, assim, a extensão da ofensa.

C10-JL

Esta sirigaita, com a sua experiência própria, lá saberá do que fala.

A genética congénita, não a terá bafejado com os dotes intelectuais da família, coisas estas que acontecem com frequência...

Pretender retirar os “tomates” aos militantes do CHEGA, é uma triste ideia, porque estes nos fazem muita falta, pois somos CABRAS-MACHO...

Caso esteja assim tão necessitada, talvez tentar açambarcar os “tomates” dos seus correligionários fofinhos, que se nos afiguram não terem grande necessidade deles....

Pelo menos Você reconhece que nós, sim, temos TOMATES... Obrigado.

A violência verbal, com mobilização de estratégias discursivas que, mais do que insultos, se afiguram como injúrias e calúnias (*vide* Seara e Manole, 2016), surge em crescendo no C11-PF, em que retomando a forma alocutiva, presente em comentários anteriores, com um tratamento de segunda pessoa que é considerado ofensivo em português europeu (entre pessoas que não se conhecem), amplifica o tópico já enunciado em C9-MC. A radicalização está presente no FTA “acontece que já não o (cérebro) tens”, que agrava e intensifica as acusações precedentes e assume o seu expoente máximo na apóstrofe final “atrasada mental” que é considerada uma ofensa grave. O ato diretivo impositivo, ameaçador da face, “Vai trabalhar”, evidencia, por um lado uma censura e, por outro, mostra a assunção do *ethos* de superioridade do emissor.

C11-PF

O facto de um atrasado mental ter feito uma afirmação tão estúpida e infame não vincula todos os homens do CHEGA. Também eu podia sugerir que fosses operada para te retirarem parte do cérebro, acontece que já não o tens. Neste contexto a tua frase além de ridícula será tão pior que a do outro infeliz. Mas nem toda a gente pode ser inteligente não é? Vai trabalhar e contribuir para o PIB Nacional, atrasada mental.

Similarmente o comentário C12-PC resgata e resume os argumentos ante-

riores, num exponencial de violência verbal: a alusão aos ‘tomates’ como símbolo sexual de virilidade, sugerindo uma ação marcadamente violenta; a dos impostos que dialoga com o PIB (Produto Interno Bruto, do C11-PF) que estão na base de uma ato severo de acusação; os insultos explícitos nos apelativos “sua porca”, “sua parva” que exprimem a cólera e que humilham a ofendida. Confirma-se o recurso ao insulto como forma de violência verbal, com o objetivo de atacar a imagem do outro e derrotá-lo na sua imagem pessoal e social (Bolívar 2002, p. 126)

C12-PC

Ó sua trabalhadora os tomates do teu homem não te chegam e pois eu sou chega e estou disponível para te encher a boca com os meus, sua porca vives às custas dos meu impostos vai trabalhar e mais respeito pelo CHEGA, sua parva.

## 7. Considerações finais

Neste estudo ensaiámos mostrar como o género comentário digital se constitui como um espaço discursivo muito produtivo no âmbito dos estudos em análise do discurso digital. O nosso intuito foi mostrar como a partir de uma publicação única de uma figura pública portuguesa que se manifestou contra uma proposta de um partido político português, considerado populista, se gerou uma teia de comentários agressivos.

Os doze comentários analisados, entre muitas centenas, dominados por FTAs e por insultos, permitem-nos comprovar o que Martínez Lara anotou ao reavivar, a partir da etimologia, a metáfora do insulto como um delinquente que sai da obscuridade do seu esconderijo para atacar a sua vítima e despojá-la de todos os seus valiosos pertences; no discurso, a valiosa pertença de valor que o emissor arrebatava ao destinatário é a imagem social (Martínez Lara 2009, p. 66) Os ataques *ad personam* e os insultos são as estratégias mais recorrentes

no corpus analisado, construídos a partir de dois topoi: a virilidade dos apoiantes do partido, com a repetida metáfora dos “tomates” e, visando uma destruição completa, a falta de capacidade intelectual da visada. De referir também que a mobilização deste tipo de argumentos ao serviço da acusação e da ofensa pessoal visam, por um lado, a destruição do *ethos* de credibilidade da atriz, criando-se uma representação de uma atriz ignorante, acéfala, construindo, ao invés, os enunciadores *ethè* de superioridade, de desprezo e de arrogância em enunciados com uma veemente agressividade. Comprova-se, a partir da análise realizada que o foco da argumentação não são as ideias propriamente enunciadas, havendo recorrentemente uma transferência para o enunciador, neste caso, a figura pública que é o alvo a abater. Se a afiliação ideoló-

**“A dimensão da polémica é intensificada pela coconstrução dos comentários em cadeia, dado que os comentários de apoio são escassos. A forte dicotomização e a consequente agressividade são realizados por ataques *ad personam*, presentes nos insultos sexuais e vexatórios”**

gica e o apoio ao estipulado na proposta de lei podem facilmente identificar os apoiantes do partido CHEGA, assiste-se, contudo, a uma deslocação do tema para se concentrar no ataque a uma pessoa, com o intuito claro de a aniquilar, de minar a sua credibilidade e de sublinhar a sua incompetência. A dimensão da polémica é intensificada pela coconstrução dos comentários em cadeia, dado que os comentários de apoio são escassos. A forte dicotomização e a consequente agressividade são realizados por ataques *ad personam*, presentes nos insultos sexuais e vexatórios.

Por último, é importante assinalar que os comentários nas redes sociais são cada vez mais um palco escancarado para o surgimento de manifestações insultuosas, convertendo-se em contextos em que a agressividade desempenha um papel principal e não marginal (Culpeper, 1996, p. 366).

Fazendo jus ao título deste estudo, instauram-se interações vertiginosas, num ritmo frenético de comentários, legitimando assim a hipótese colocada de que no palco mediatizado das redes sociais se assiste a uma banalização crescente da violência verbal.

## REFERÊNCIAS

- ANIS, J. 1998. *Texte et ordinateur. L'écriture reinventée?* Bruxelles, De Boeck Université, 290 p.
- ARENDT, H. 1978. *The life of the mind*. Chicago, Harcourt Brace Janovich, 521 p.
- AUGER, N.; FRACCHIOLLA, B., MOÏSE, C., & SCHULTZ-ROMAIN, C. (2008). De la violence verbale pour une sociolinguistique des discours et des interactions. In: J. Durand, B. Hebert, B. Laks (Éds.), *Congrès Mondial de Linguistique Française*. Paris, Institut de Linguistique Française. EDP Sciences, p. 631-643. <http://dx.doi.org/10.1051/cmlf08140>
- AUGER, N., FRACCHIOLLA, B., MOÏSE, C., & SCHULTZ-ROMAIN, C. (2010). Interpellation et violence verbale: essai de typologisation. *Corela. Cognition, représentation, langage*, (HS-8). <https://doi.org/10.4000/corela.1023>
- BOLÍVAR, A. 2002. Violencia verbal, violencia física y polarización a través de los medios. In: L. MOLERO e A. FRANCO (eds.), *El discurso político en las ciencias humanas y sociales*, Caracas, Fonacit, p. 125-136.
- BROWN, P., & LEVINSON, S. C. 1978. *Universals in language usage: Politeness phenomena. Questions and politeness: Strategies in social interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 56-311.
- BOUSFIELD, D., & LOCHER, M. A. (Eds.). 2008. Impoliteness in language: Studies on its interplay with power in theory and practice. Berlim. Mouton de Gruyter, **39**(1):119-122. <https://doi.org/10.1515/9783110208344>
- BROWN, P., & LEVINSON, S. C. 1987. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge, Cambridge University Press, 358 p. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511813085>
- COLIN RODEA, M. 2003. *El insulto: estudio pragmático-textual y representación lexicográfica*. Barcelona. Tese de Doutorado. Universidade de Barcelona, 536 p.
- CULPEPER, J. 1996. Towards an anatomy of impoliteness. *Journal of Pragmatics*, **25**(3):349-367. [http://dx.doi.org/10.1016/0378-2166\(95\)00014-3](http://dx.doi.org/10.1016/0378-2166(95)00014-3)
- CULPEPER, J. 2008. Reflections on impoliteness, relational work and power. In: D. BOUSFIELD & M. A. LOCHER (Eds.), *Impoliteness in language: Studies on its interplay with power in theory and practice*. Berlim, Mouton de Gruyter, p. 22-53.
- CULPEPER, J. 2011. *Impoliteness: Using Language to Cause Offence*. Cambridge, Cambridge University Press, 292 p.
- CUNHA, D. SULLLET, NYLANDER, F. et al. 2011. Le fonctionnement des commentaires des lecteurs sur les sites du web. In: *Discours rapporté, genre(s) et médias*. Romania Stockholmiensia, Stocholm University, p. 59-74.
- DEGENNE, A.; FORSÉ, M. 1994. *Les réseaux sociaux. Une approche structurale en sociologie*, Paris, Armand Colin, 263 p.
- DEVILLARD, V. 1996. L'espace public et l'emprise de la communication. *Réseaux*, **14**(78):147-151. Disponível em: [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/reso\\_0751-7971\\_1996\\_num\\_14\\_78\\_3768](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/reso_0751-7971_1996_num_14_78_3768). Acesso em 24/04/2021
- DONATH, J.S. 2007. Signals in Social Supernets, *Journal of Computer-Mediated Communication*, **13**(1):231-251. <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00394.x>
- GAUTHIER, G. 1995. L'argumentation périphérique dans la communication politique: le cas de l'argument ad hominem. *Hermès*, **16**(2):167-185. <https://doi.org/10.4267/2042/15190>

- GOFFMAN, E. 1959. *The Presentation of Self in Everyday Life*, New York, Doubleday, 272 p.
- GOFFMAN, E. 1967. *Interaction ritual: Essays on face-to-face behaviour*. New York, Doubleday, 282 p.
- GOLDER, S. WILKINSON, D. M.; HUBERMAN, B. A. 2007. Rhythms of social interaction: messaging within a massive online network. Steinfield, Pentland, Ackerman, and Contractor (eds.), *Communities and Technologies. Proceedings of the Third Communities and Technologies Conference*. Michigan State University. London: Springer, p. 41-66. [https://doi.org/10.1007/978-1-84628-905-7\\_3](https://doi.org/10.1007/978-1-84628-905-7_3)
- HAMPTON K. N., SESSIONS L., HER E. J., RAINIE L. 2009. Social isolation and new technology : How the Internet and mobile phones impact Americans' Social Networks », *Pew Internet & American Life Project* Disponível em: [http://pewinternet.org/Reports/2009/18\\_Social-Isolation\\_And\\_New-Technology/Executive-Summary/asp](http://pewinternet.org/Reports/2009/18_Social-Isolation_And_New-Technology/Executive-Summary/asp). Acesso em: 12/4/2021.
- HUGON, S. 2010. *Circumnavigation. L'imaginaire du voyage dans l'expérience Internet*, Paris, CNRS Éditions, 266 p.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. 2008. La polémique et ses définitions. *La Parole Polémique*. Lyon, Presses Universitaires de Lyon, p. 3-40
- LEVY, P. 2002. *Cyberdémocratie*. Paris: E. Jacob, 283 p.
- LICOPPE C. 2002. Sociabilité et technologies de communications. *Réseaux*, **20**(112-113):171-201. <https://doi.org/10.3917/res.112.0172>
- LICOPPE C., SMOREDA Z. 2005. Are social networks technologically embedded ? How networks are changing today with changes in communication technology . *Social Networks*, **27**(4):317-335. <https://doi.org/10.1016/j.socnet.2004.11.001>
- MARTÍNEZ-LARA, J. A. 2009. los insultos y palabras tabúes en las interacciones juveniles. Estudio sociopragmático funcional. *Boletín de Lingüística*, **21**(31):59-85. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=34711680003>. Acesso em: 02/04/2021.
- MERKLÉ, P. 2004. *Sociologie des réseaux sociaux*, Paris, Éd. La Découverte, 128 p.
- MOÏSE, C., AUGER, N., FRACCHIOLLA, B., & SCHULTZ-ROMAIN, C. 2008. *La violence verbale*. Paris, L'Harmattan. 236 p.
- MOLERO e A. FRANCO (eds.). 2002. El discurso político en las ciencias humanas y sociales Caracas, *Fonacit*, p. 125-136.
- NOTÍCIA JORNAL SOL. 2020. Disponível em: <https://sol.sapo.pt/artigo/702076/lider-do-chega-insiste-na-castracao-quimica-e-inclui-violadores>. Acesso em: 06/07/20.
- PÁGINA PESSOAL FACBOOK DA ATRIZ. Disponível em: <https://www.facebook.com/paulaloboantunes>. Acesso em: 06/07/20.
- PAVEAU, M.-A. 2019. Discours Numériques Natifs. Des relations sociolangagières connectées. *Langage et Société*, **167**(2).
- PAVEAU, M.-A. 2017. *Dictionnaire du Discours Numérique. Dictionnaire des formes et des pratiques*. Paris, Editions Hermann, 400 p.
- PROULX, S. 2000. *Les communautés virtuelles construisent-elles du lien social ?* Université de Québec, Montréal. Disponível em: <http://sergeproulx.uqam.ca/wp-content/uploads/2011/02/2000-proulx-lavirtualite-77.pdf>. Acesso em 15/05/2021.
- PROULX, S. 2004. *La révolution Internet en question*, Québec, Editions Québec Amérique, 144 p.
- RECUERO, R. 2009. *Redes sociais na Internet*. Porto Alegre, Edições Sulina, 190 p.
- SEARA, I; SIMÕES, I; SEBASTIÃO I. 2020. Os emojis como marcadores discursivos nas redes sociais: análise contrastiva em português e em francês. Duarte, I.M. e Ponce de Léon, R. (dir). *Marcadores Discursivos: o Português como Referência Contrastiva*, Peter Lang, p. 343-364. <https://doi.org/10.3726/b16940>
- SEARA, I. R.; MANOLE, V. 2016. Insult and the Construction of Other's Identity: Remarks on Portuguese Political Discourse". Răzvan Săftoiu (éd.) *In: Revue roumaine de linguistique Identities in dialogue/Identités dans le dialogue*, (LXI):301-318.
- SEARA, I. R. 2021 (no prelo). A (des)cortesia dissumulada nos discursos considerados populistas em Portugal, a publicar em *Diacrítica* 2021.
- SEARLE, J. 1969. *Speech Acts. An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge, CUP. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139173438>
- SENNETT, R. 1982. *Les Tyrannies de l'intimité*. Paris, Seuil, 282 p.
- TISSERON, S. 2002. *L'intimité surexposée*, Paris, Hachette, 182 p.
- TISSERON, S. 2011. Intimité et extimité. *Communications*, (88):83-91. <https://doi.org/10.3917/commu.088.0083>

VAN DIJK, T. A. 2008. *Discourse and power*. New York, Palgrave Macmillan, 303 p. <https://doi.org/10.1007/978-1-137-07299-3>

WELLMAN B., QUAN HAASE A., WITTE J., HAMPTON K. 2010. Does the Internet Increase, Decrease or Supplement Social Capital?: Social Networks, Participation and Community Commitment. *American Behavioral Scientist*, **45**(3):436-455. <https://doi.org/10.1177/00027640121957286>